

Formação de professores de Libras: a sociologia das ausências e a ecologia de saberes como base teórica para uma prática docente crítica é possível?

Sérgio Ifa

Doutor em Linguística Aplicada. Líder do grupo de pesquisa Letramentos, Educação e Transculturalidade - LET.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6586-0154>
E-mail: sergio@fale.ufal.br

Formación docente em Lengua de Señas Brasileira (Libras): ¿Es posible la sociología de las ausencias y la ecología del conocimiento como base teórica para una práctica docente crítica?

Sérgio Ifa

Universidade Federal de Alagoas, Brasil.

Erika Teodósio do Nascimento

Mestra em Estudos da Tradução. Membro do grupo de pesquisa Letramentos, Educação e Transculturalidade – LET.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9213-6850>
E-mail: erika.teodosio@ufca.edu.br

Erika Teodósio do Nascimento

Universidade Federal do Cariri, Brasil.

Resumo

O curso de licenciatura em Letras-Libras é relativamente recente no Brasil. Sua implementação se deu em 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina, inicialmente na modalidade de Ensino a Distância, impulsionada pelo reconhecimento legal da Língua Brasileira de Sinais como meio legítimo de comunicação e expressão da comunidade surda, conforme estabelecem a Lei 10.436/2002 e o Decreto 5.626/2005. Este estudo articula a formação de professores de Libras à Linguística Aplicada, propondo caminhos teóricos fundamentados na sociologia das ausências e na ecologia de saberes de Santos (2020), como forma de sustentar uma formação docente crítica e consciente do papel social da língua. Parte-se do entendimento de que o ensino de Libras e a formação dos seus professores não podem ser reduzidos a um campo estritamente linguístico, pois envolvem disputas epistemológicas, políticas e culturais. Reconhecendo a Libras enquanto saber produtor de conhecimento, a ecologia de saberes surdos contribui para promover diversidade e justiça epistêmica. Nesse contexto, a formação docente pode tornar-se espaço de questionamento de paradigmas hegemônicos, valorização das experiências e saberes surdos e construção de práticas pedagógicas bilíngues e inclusivas. Assim, fortalece-se uma formação comprometida com transformação social, ampliando a participação ativa da comunidade surda na

Submetido em: 18/11/2025

Aceito em: 16/01/2026

Publicado: 31/03/2026

e-Location: 20291



ISSN: 2317-9945 (On-line)
ISSN: 0103-6858 (Impressa)

sociedade.

Palavras-chave: Sociologia das ausências; Ecologia de saberes; saberes surdos; formação docente; Libras.

Abstract

El curso de licenciatura en Letras-Libras es relativamente reciente en Brasil. Se implementó en 2006 en la Universidad Federal de Santa Catarina, inicialmente en la modalidad de Enseñanza a Distancia, impulsado por el reconocimiento legal de la Lengua de Señas Brasileña como medio legítimo de comunicación y expresión de la comunidad sorda, según lo establecido en la Ley 10.436/2002 y el Decreto 5.626/2005. Este estudio articula la formación de profesores de Libras con la Lingüística Aplicada, proponiendo caminos teóricos basados en la sociología de las ausencias y la ecología del saber de Boaventura de Sousa Santos (2020), como forma de sustentar una formación docente crítica y consciente del papel social del lenguaje. Se parte de la comprensión de que la enseñanza de Libras y la formación de sus profesores no pueden reducirse a un campo estrictamente lingüístico, ya que implican disputas epistemológicas, políticas y culturales. Al reconocer Libras como un saber productor de conocimiento, la ecología de los saberes sordos contribuye para promover la diversidad y la justicia epistémica. En este contexto, la formación docente puede convertirse en un espacio para cuestionar los paradigmas hegemónicos, valorizar las experiencias y los conocimientos de las personas sordas y construir prácticas pedagógicas bilingües e inclusivas. De este modo, se fortalece una formación comprometida con la transformación social, ampliando la visibilidad y la participación activa de la comunidad sorda en la sociedad.

Keywords: Sociología de las ausencias. Ecología de los saberes. Saberes sordos. Formación docente. Lengua de señas brasileña (Libras).

INTRODUÇÃO

O curso de formação de professores em Letras-Libras é recente no cenário brasileiro. Sua implementação ocorreu em 2006, ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na modalidade de Ensino a Distância (EAD). O referido curso tem como objetivo formar profissionais para a docência da Libras tanto para pessoas surdas, como primeira língua, quanto para pessoas ouvintes, como segunda língua¹ (Quadros; Stumpf, 2006).

¹ Nos termos do Decreto nº 5625/2005.

A criação do curso está diretamente vinculada ao reconhecimento legal da Libras como meio de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras, assegurado pela Lei nº 10.436/2002, posteriormente regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005. A partir desse marco jurídico, surge a necessidade de formação de professores qualificados para atuar na educação básica e no ensino superior, o que impulsionou a institucionalização do curso Letras-Libras.

Segundo Quadros e Stumpf (2006), a oferta em modalidade EAD possibilitou a ampliação do acesso das pessoas surdas ao ensino superior, uma vez que foram criados polos de apoio presencial em diferentes estados do país. As universidades interessadas firmavam convênio com a UFSC e realizavam processos seletivos com reserva de vagas para candidatos surdos. É relevante observar que os cursistas tinham acesso aos conteúdos por meio de uma plataforma bilíngue, na qual o material era disponibilizado em língua portuguesa e em Libras, assegurando que estudantes surdos pudessem acompanhar as disciplinas em sua primeira língua.

Seguidamente às formaturas das primeiras turmas de licenciados em Letras-Libras pela UFSC, foram criados cursos presenciais em outras universidades. A Universidade Federal do Ceará (UFC), que anteriormente havia sido polo da UFSC, ofertou 40 vagas para a sua primeira turma presencial em 2013. É na UFC que a autora deste texto ingressa, na segunda turma, no ano de 2014. Após alguns anos, se torna professora do curso de Letras-Libras na Universidade Federal do Cariri (UFCA) e, atualmente, é estudante de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Alagoas, na área de Linguística Aplicada.

A apresentação desse breve histórico do curso de Letras-Libras no Brasil, bem como de parte da trajetória acadêmica da autora, faz-se necessária para situar a justificativa deste artigo. Foi no contexto de uma disciplina do doutorado, ministrada pelo segundo autor deste estudo, que algumas questões emergiram, ao entrar em contato com pesquisas desenvolvidas no âmbito da Linguística Aplicada (doravante LA). Tais questões dizem respeito à curiosidade epistemológica acerca do alcance das pesquisas realizadas na LA sobre a formação de professores de Libras, sobretudo considerando a contemporaneidade do curso superior em Letras-Libras.

Ora, faria muito sentido que os professores de Libras em formação tivessem contato com as teorias desenvolvidas na LA, visto que a Libras é a língua de uma população minorizada que luta pela valorização de sua língua e pelo reconhecimento de suas especificidades culturais. Além disso, a LA tem buscado um alinhamento com conhecimentos transdisciplinares e ajustáveis à vida contemporânea (Moita Lopes, 2006), propondo-se a questionar e a reinventar as formas pelas quais concebemos a linguagem (Pennycook; Makoni, 2019).

Nesse sentido, seria concebível que a LA se detivesse em estudos e pesquisas que partam de uma língua minorizada, especialmente quando se trata da formação de professores. Contudo, cabe indagar se, devido à forte influência de estudos estruturalistas de análise e descrição linguística, historicamente aplicados a línguas como inglês, espanhol e português, a Libras estaria também sendo direcionada, prioritariamente, para pesquisas de caráter comparativo e descritivo, voltadas à promoção e estabilização de seu status linguístico.

Não buscaremos aqui destrinchar se a Libras e a Linguística Aplicada têm desenvolvido uma parceria frutífera, contudo destacamos o estudo de Jerlan Batista e Marianne Stumpf (2024), que realizou uma metanálise de pesquisas envolvendo o campo da LA e a formação inicial de professores de Libras no curso Letras-Libras, com o objetivo de discutir a importância da disciplina de LA nesse contexto formativo.

Os resultados apontaram para “[...] a necessidade de mais temáticas que busquem colher da Linguística Aplicada os melhores caminhos para resolver os problemas de linguagem em que ela atua, em contextos sociais” (Batista; Stumpf, 2024, p. 415). Tal indicação torna-se relevante para este texto, pois reforça a necessidade de ampliar as interlocuções teóricas entre a LA e a formação docente em Libras, de modo a contribuir para a constituição de práticas pedagógicas que respondam às demandas linguísticas, culturais e políticas próprias da língua e da comunidade surda.

Isso posto, chegamos ao objetivo deste trabalho, que é precisamente apontar caminhos em LA para uma formação de professores de Libras pelo vislumbre de olhares outros, a saber: a sociologia das ausências e a ecologia de saberes,

desenvolvidas pelo professor Boaventura de Sousa Santos² (2020). Seguimos nessa proposição, explicando primeiramente como Santos (2020) apresenta e defende os conceitos de sociologia das ausências e de ecologia de saberes, fundamentados nos princípios das Epistemologias do Sul. Em seguida, propomos um cruzamento entre essas lógicas, que desafiam o entendimento cristalizado pelo saber dominante, e o processo de aprendizagem da Libras. Por fim, buscamos refletir sobre como a sociologia das ausências e a ecologia de saberes podem contribuir para a formação de professores de Libras mais críticos e conscientes de seu papel social.

UM OLHAR SOBRE A LIBRAS E A CULTURA SURDA A PARTIR DA SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS

Como linguistas aplicados, compreendemos que a língua está diretamente vinculada aos seus usuários. Afirmamos isto não sob uma perspectiva estritamente descritiva, centrada no estudo do léxico, da sintaxe ou da gramática da língua de uma comunidade delimitada, mas na concepção de que a língua emerge e se transforma continuamente na interação cotidiana. É nesse sentido que Volochinov (2017, p. 181) afirma que “[...] a língua no processo de sua realização prática não pode ser separada do seu conteúdo ideológico ou cotidiano”. Ao enfatizar o conteúdo ideológico constitutivo da língua, o autor defende que usá-la é um ato político, pois comunicar-se é necessariamente posicionar-se no mundo.

Partindo desse entendimento, enquanto formadores de professores de línguas, assumimos aqui uma postura igualmente política. Não buscamos apenas apresentar teorias ou metodologias para a formação docente, mas também procuramos contribuir para a consciência crítica daqueles que ensinarão. Concordamos com Ifa (2024, p. 85), quando afirma que “[...] não basta ter como objetivo da formação de professores de línguas apenas a construção de conhecimentos teórico-metodológicos se não incluir questões sociais, históricos, econômicas, políticas e educacionais”. Assim, sublinhamos que o aprendizado e o uso da Libras não podem ser desvinculados de sua dimensão

² Cabe salientar que repudiamos veementemente as atitudes de assédio das quais Boaventura de Sousa Santos é acusado (Diário de Notícias, 2023).

política: ensinar Libras é, também, agir na luta por reconhecimento, justiça linguística e afirmação cultural da comunidade surda.

Ao tratarmos da comunicação em Libras como um ato político, aproximamos esta discussão das contribuições de Santos (2020), que propõe novas perspectivas epistêmicas ao apresentar as Epistemologias do Sul em contraposição às epistemologias do Norte. Para o autor, as Epistemologias do Sul constituem uma defesa da produção de conhecimento a partir da diversidade de mundos e modos de existir, rompendo com a lógica eurocêntrica que historicamente legitimou apenas determinados saberes como científicos. Esse olhar eurocêntrico, ainda segundo Santos (2020), construiu teorias, análises e critérios de validação do conhecimento baseados em seus próprios paradigmas, invisibilizando e desqualificando formas de saber que não se enquadravam em seu horizonte de racionalidade.

Dessa forma, as Epistemologias do Sul buscam reconhecer e validar conhecimentos produzidos a partir de outras narrativas e experiências, sobretudo aquelas historicamente marginalizadas. Saberes que antes não eram sequer considerados como conhecimento passam, então, a ser compreendidos e valorizados a partir das perspectivas daqueles que foram, por muito tempo, relegados à condição de inexistência pelo olhar hegemônico do Norte.

Assim sendo, reiteramos que formar profissionais críticos e conscientes do seu papel social como professores de uma língua de modalidade visual-espacial, marcada pela memória histórica e cultural de uma comunidade linguística diversa, deve constituir o fundamento da prática docente em Libras. Ser professor de Libras, na perspectiva aqui defendida, configura-se como um ato político situado no Sul global, pois, conforme afirma Santos (2020, p. 25), “[...] o Sul global refere-se ao conjunto de movimentos e ações coletivas que lutam contra formas de opressão, exploração e discriminação”. Desse modo, cabe ao professor de Libras valorizar a diversidade linguística de uma minoria e resistir à lógica hegemônica que privilegia o ensino de línguas estrangeiras em detrimento do reconhecimento e da difusão de uma língua de sinais nacional que possibilita a acessibilidade e a participação social de pessoas surdas.

A Libras é a língua das comunidades surdas urbanas no Brasil e foi reconhecida pela Lei 10.436/2002, marco fundamental para os sujeitos surdos sinalizantes. A partir desse reconhecimento, políticas públicas passaram a ser desenvolvidas, como exemplifica o Decreto 5.626/2005, que regulamenta a legislação ao tratar da inclusão da Libras como disciplina curricular, da formação de instrutores, professores, tradutores e intérpretes, bem como do direito de acesso de pessoas surdas à educação e à saúde na sua língua. Importa ressaltar, contudo, que nem todas as pessoas surdas aprendem Libras, seja porque não têm acesso a ela desde cedo, seja porque optam por outras modalidades comunicativas. Além disso, o país ainda requer a efetiva implementação de políticas linguísticas que favoreçam a aquisição da Libras, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), com as alterações introduzidas pela Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021, que a educação bilíngue de surdos deve ser ofertada desde a educação infantil (zero ano) e estender-se ao longo de toda a vida escolar. Tais observações reforçam o caráter minoritário da Libras: trata-se de uma língua utilizada por parte das pessoas surdas, cuja aquisição plena depende de condições socioculturais e educacionais que nem sempre lhes são asseguradas.

Conforme publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, mais de 500 mil pessoas surdas são sinalizantes da Libras, o que representa 22,4% da população com deficiência auditiva no Brasil, segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde, que pela primeira vez realizou o levantamento de pessoas surdas sinalizantes.

Como podemos observar a partir desses dados, não são todas as pessoas caracterizadas pelo IBGE como deficientes auditivos que são sinalizantes de Libras. Entretanto, aprender essa língua por parte de pessoas ouvintes, pode se configurar como uma proposta de decolonização do pensamento e valorização de uma episteme alternativa. Ora, não se trata de uma simples suposição, visto que a realidade social da pessoa surda sinalizante, sua língua, sua cultura e suas experiências, pautadas prioritariamente na visualidade, são historicamente marginalizadas e invisibilizadas.

A especificidade surda, marcada pela centralidade da visão como principal veículo de produção de sentidos, não se enquadrava nos padrões culturais legitimados

pela nossa sociedade. Assim, a cultura surda esteve, por muito tempo, ausente do cotidiano social. É precisamente por essa ausência social da Libras que concordamos com o que Santos (2020) denomina de “sociologia das ausências”, conceito que aprofundamos a seguir.

Santos (2020) explica que a sociologia das ausências se dispõe a tornar visível e credível experiências sociais não reconhecidas ou não percebidas pelo conhecimento hegemônico. Trata-se de uma sociologia transgressiva, porque busca articular conhecimentos científicos, não científicos, populares e (por que não incluímos?) surdos. Essa sociologia propõe revelar e tornar perceptível o que foi excluído, mostrando que as alternativas não divulgadas pelo senso comum são, na verdade, possíveis e legítimas, já que denuncia os mecanismos de invisibilização.

No nosso caso, além de perceber e denunciar os mecanismos que inviabilizam a cultura surda, faz-se necessária a articulação de outros saberes, com a intenção de promover pensamentos que valorizem a língua e as culturas surdas. Para isso, apontamos alguns desses mecanismos que sufocam a língua e a cultura surdas, isto é, que as invisibilizam, por meio das cinco lógicas de produção da não existência, discutidas inicialmente por Santos (2020). Em seguida, apresentamos as relações que estabelecemos no campo do ensino e da aprendizagem.

- a)** Monocultura do saber e o conhecimento surdo: Apenas o conhecimento produzido dentro do modelo científico ocidental e oralista é validado, enquanto outras formas de saber são ignoradas. O oralismo³, durante muito tempo dominante na educação dos surdos, deslegitimou a Libras como língua válida, enfatizando exclusivamente métodos de reabilitação oral e leitura labial. Isso marginalizou a cultura surda e a Pedagogia Surda⁴. A Libras, como manifestação de uma epistemologia visual, muitas vezes não é vista como um saber legítimo, sendo tratada como "inferior" ao português escrito ou falado.

³ “O método oralista objetivava levar o surdo a falar e a desenvolver competência lingüística oral [...]” (Capovilla, 2000, p. 102).

⁴ Strobel (2013, p. 92) explica que “[...] a Pedagogia Surda é uma educação sonhada pelo povo surdo, visto que a luta atual dos surdos é pela constituição da subjetividade ao jeito surdo de ser”, o que é defendido por Romário (2023, p. 103), quando diz que “A luta pela viabilização da Pedagogia Surda pelas pessoas surdas é uma forma de buscar, no espaço escolar, a valorização e o respeito da sua cultura”.

- b)** Monocultura do tempo linear e a história surda: Apenas uma visão linear do progresso é valorizada, relegando as tradições ou histórias de grupos marginalizados à irrelevância. A história da comunidade surda frequentemente é invisibilizada ou excluída das narrativas históricas oficiais. A Libras foi reconhecida legalmente como língua de sinais nacional no Brasil apenas em 2002 (Lei nº 10.436), e essa oficialização foi vista como tardia, evidenciando o descaso histórico. A visão de progresso centrada no oralismo e na tecnologia (implantes cocleares, por exemplo), frequentemente desconsidera que a comunicação em Libras é igualmente eficaz e válida.
- c)** Monocultura da naturalização das diferenças e a deficiência: Diferenças culturais, sociais ou biológicas são interpretadas como formas de inferioridade ou como desvios a serem corrigidos. A surdez é, muitas vezes, tratada exclusivamente como deficiência, negando sua dimensão cultural e identitária. A perspectiva capacitista reduz as pessoas surdas à ideia de que elas precisam "corrigir" sua diferença para se adaptar à normatividade ouvinte, desvalorizando a Libras como uma rica expressão de identidade linguística. Essa monocultura reforça práticas excludentes em diversos espaços, como escolas e ambientes de trabalho, que negligenciam a acessibilidade em Libras.
- d)** Monocultura da escala dominante e a cultura surda: Apenas práticas e conhecimentos considerados válidos em contextos amplos, como globais ou nacionais, são reconhecidos, enquanto as experiências locais ou de minorias são marginalizadas. A cultura surda, que é uma experiência vivida por uma minoria, é frequentemente invisibilizada em debates culturais, políticos ou educacionais. A falta de intérpretes em espaços públicos, eventos culturais e serviços essenciais reflete a marginalização da Libras como uma língua de "escala menor". As iniciativas surdas muitas vezes não recebem atenção, enquanto as decisões sobre a educação ou saúde dos surdos são feitas por ouvintes que desconhecem as especificidades da comunidade.
- e)** Monocultura do produtivismo capitalista e o Mercado de Trabalho: A eficiência e a produtividade capitalista são priorizadas, deslegitimando modos alternativos de trabalhar e existir. A surdez é vista por muitos empregadores como uma

limitação à produtividade, levando à exclusão das pessoas surdas do mercado de trabalho. A falta de políticas de acessibilidade no ambiente corporativo marginaliza quem depende de Libras, muitas vezes excluindo a contratação de intérpretes ou tecnologias inclusivas. A monocultura do produtivismo desvaloriza formas visuais ou não tradicionais de comunicação, reforçando a centralidade do português falado e escrito como única norma aceitável.

As lógicas de produção da não existência servem como mecanismos que perpetuam a invisibilidade da comunidade surda e da Libras. Contudo, reconhecer essas lógicas permite o movimento contrário: destacar a riqueza do conhecimento surdo e legitimar a Libras como elemento cultural e epistêmico fundamental. Esse reconhecimento, alinhado às Epistemologias do Sul, valoriza a diferença como potência e promove uma inclusão efetiva.

Podemos, então, perceber a possibilidade de traçar paralelos entre as formas de produção de ausência propostas por Boaventura de Sousa Santos e as experiências das pessoas surdas e da Libras, evidenciando como essas dinâmicas marginalizadoras se manifestam. Não obstante, além da denúncia das engrenagens que sufocam conhecimentos outros, Santos (2020) apresenta a “ecologia de saberes”, compreendida como um diálogo inclusivo entre diferentes formas de conhecimento, orientado à transformação da realidade.

A ecologia de saberes constitui uma proposta metodológica e epistemológica de enfrentamento à exclusão produzida pela monocultura do saber científico, defendendo a articulação entre diferentes saberes como complementares e igualmente relevantes. Trata-se de um conceito fundamental para reconfigurar o pensamento crítico e promover uma nova ética na construção do conhecimento, contribuindo para a formação de professores mais conscientes de seu papel social.

SOBREPUJANDO A NÃO EXISTÊNCIA SURDA: UMA ECOLOGIA DE SABERES SURDOS

A sociologia das ausências e a ecologia de saberes podem propiciar formas de fomentar a formação de professores de Libras mais críticos e conscientes, ao oferecer ferramentas teóricas e práticas para compreender a exclusão social e epistêmica que

a comunidade surda historicamente enfrentou, ao mesmo tempo em que valorizam a pluralidade de saberes.

Cada uma das lógicas de produção de ausência discutidas anteriormente contribui para a marginalização das pessoas surdas e da Libras em diferentes dimensões. Entretanto, medidas como a oficialização da Libras, o fortalecimento da comunidade surda e a ampliação da acessibilidade configuram o que Santos (2020) denomina sociologia das emergências, ou seja, o reconhecimento e a valorização de saberes historicamente desconsiderados como legítimos e essenciais para a diversidade cultural e linguística.

Diante disso, passamos a refletir sobre estratégias para que saberes historicamente ocultos sejam reconhecidos e valorizados. Conforme explica Santos (2020), a sociologia das ausências parte de duas indagações fundamentais: a primeira busca compreender por que determinados conhecimentos eram privilegiados em detrimento de outros; a segunda propõe maneiras de expandir e tornar mais acessíveis os conhecimentos e experiências humanas, ampliando sua circulação e legitimação.

Dessa forma, analisamos formas de superar os silenciamentos previamente identificados e indicamos caminhos para subverter as lógicas que promovem a não existência da Libras e da cultura surda. Enfrentar essas monoculturas exige estratégias capazes de se contrapor às estruturas de poder que as sustentam. A seguir, apresentamos reflexões sobre como confrontar cada lógica de monocultura, com o objetivo de avançar rumo a uma sociedade mais plural, inclusiva e transformadora.

A lógica da monocultura do saber se fundamenta na predominância de uma única forma de conhecimento considerada legítima, geralmente alinhada à lógica hegemônica, em detrimento das epistemologias surdas ou de outras culturas. Seu principal desafio é justamente a subvalorização dos saberes surdos. Para superar essa lógica, é possível adotar epistemologias surdas, valorizando e incorporando esses saberes nos currículos acadêmicos e nos processos educativos, reconhecendo a Libras como uma ferramenta epistemológica essencial, conforme defendem Carneiro e Ludwig (2018).

E nesta demanda de promoção das ausências e valorização das experiências sociais, a epistemologia surda assume grande responsabilidade em legitimar a forma da pessoa surda em significar o

mundo e produzir conhecimento. Os saberes surdos, alicerçados na cultura surda, estão disponíveis e clamam por novas posições (Carneiro; Ludwig, 2018, p. 115).

Podemos, então, pensar também em uma educação bilíngue e intercultural, no investimento em práticas pedagógicas que promovam o bilinguismo (língua de sinais e língua portuguesa), como também em abrir espaços de protagonismo para lideranças surdas.

Quanto à segunda lógica, a monocultura do tempo linear, este modelo histórico tende a excluir narrativas alternativas, incluindo aquelas das pessoas surdas e suas contribuições sociais. Para superar esse desafio, propomos a inserção das histórias surdas locais nas narrativas oficiais, evidenciando suas lutas, conquistas e manifestações culturais. Tal prática valoriza a experiência temporal das comunidades surdas, frequentemente construída por meio de interações visuais e coletivas, contrapondo-se à ideia de “atraso” ou “deficiência” e reafirmando sua diferença linguística e cultural.

Nessa seara, é importante recorrer a produções contemporâneas da comunidade surda, seja na arte, seja na educação, seja na tecnologia, para evidenciar que modernidade e visualidade são plenamente compatíveis. Dessa forma, essas histórias passam a integrar a memória coletiva, fortalecendo arquivos históricos e artísticos que preservem a cultura surda e que promovam sua difusão tanto nas esferas locais quanto em contextos mais amplos.

A partir da experiência de contato direto com pessoas surdas, observamos que os indivíduos sinalizantes tendem a engajar-se em longos períodos de interação em associações, restaurantes, festas ou residências de amigos. Frequentemente, são os últimos a se retirar desses encontros, fato reconhecido por aqueles que convivem com a comunidade surda. Esse comportamento reflete a singularidade cultural das interações em Língua de Sinais, nas quais o tempo cronológico não determina o término da conversa. Embora essa prática ainda não esteja suficientemente documentada em pesquisas científicas, constitui um saber surdo que evidencia uma concepção alternativa de temporalidade.

A terceira lógica, a da naturalização das diferenças, enfrenta o desafio de evitar a narrativa da surdez como deficiência e a tentativa de reabilitação auditiva por meio

de práticas medicalizantes, que buscam “corrigir” a surdez para enquadrar o indivíduo no padrão do ouvinte. Para superar essa lógica, é imprescindível promover uma perspectiva que reconheça as barreiras sociais e culturais como fatores centrais de exclusão, e não a surdez em si. Nesse contexto, torna-se necessário fomentar a representatividade ativa.

A diferença surda deve ser compreendida como uma força potencialmente transformadora da sociedade, por meio de uma mudança cultural que desassocie a surdez da ideia de deficiência ou falta de audição. O conhecimento da Libras e da cultura surda funciona como vetor de novas perspectivas, contribuindo para a superação de estigmas e para a ruptura de práticas discriminatórias. Nesse sentido, Perlin (2003) e Skliar (1998) defendem a necessidade de evitar a colonização dos surdos pelos ouvintes, promovendo relações que respeitem a alteridade e a diferença, fundamentais para a afirmação da identidade surda, conforme enfatizado por pesquisadoras surdas:

Esta outra forma que o surdo entende seu ser surdo entre ouvintes como estereotipado é diferente da forma que o surdo aspirando ser o eu ideal outro, seu ser e estar sendo surdo, sua alteridade, sem artifícios de grandeza, sem pressupostos maléficos, simplesmente objetivando a ser o eu normal, o eu normal surdo (Perlin, 2003, p. 72).

Passamos, então, a analisar o desafio imposto pela quarta lógica da não existência: a lógica da escala global, que privilegia padrões dominantes e marginaliza formas locais e alternativas de organização cultural, incluindo aquelas das comunidades surdas. Nesse contexto, a organização política de base da comunidade surda desempenhou papel decisivo para o reconhecimento da Libras e para a implementação de políticas públicas que possibilitassem a valorização da língua de sinais. Tal trajetória pode ser inferida a partir do breve histórico da criação do curso de formação de professores em Letras-Libras, o qual não se apresenta como um ponto de chegada, mas como ponto de partida.

Dessa maneira, a formação de professores de Libras em cursos universitários superiores configura-se como um caminho estratégico para a ampliação dos saberes surdos. Durante a graduação, os estudantes são estimulados a estabelecer contato com diversas instituições que promovem a cultura surda e a Libras, como associações

de surdos, nas quais é proporcionada a interação com pessoas surdas idosas. Nessas experiências, os discentes têm acesso a narrativas de luta, resiliência, reivindicações e conquistas históricas, contribuindo para a compreensão da trajetória da comunidade surda e para a valorização de seus saberes e experiências.

Como exemplo, podemos citar o curso de Licenciatura em Letras-Libras da UFCA, cujo Plano Político do Curso prevê o contato e a valorização do conhecimento local. A história da comunidade surda no sul do Ceará é estudada de forma sistemática ao longo das disciplinas, por meio de leituras, entrevistas e visitas a instituições que promovem ou já promoveram o ensino de Libras, assim como interações entre surdos e entre surdos e ouvintes. As narrativas surdas da região constituem parte fundamental da formação dos futuros professores da UFCA.

Além disso, outras ações podem ser fomentadas para subverter a quarta lógica da não existência, como o fortalecimento das organizações surdas de base comunitária. Um exemplo é o Instituto Transformar Cariri (INTRA CARIRI), que já foi reconhecido como escola bilíngue de surdos em Juazeiro do Norte, mas atualmente funciona como espaço para eventos da comunidade surda e cursos de Libras para ouvintes, deixando, infelizmente, de ofertar ensino formal em Libras para crianças surdas.

É inegavelmente relevante a interação da comunidade surda nos eventos promovidos pelo INTRA CARIRI, uma vez que a comunicação ocorre em Libras, frequentemente sem a mediação de tradutores, proporcionando experiências significativas de conversação visual. Entretanto, ao considerarmos o relato de uma aluna surda do curso de Letras-Libras da UFCA, que adquiriu a língua de sinais aos cinco anos de idade por meio do contato com outras crianças surdas, evidencia-se a importância dessa aquisição linguística para o desenvolvimento cognitivo e linguístico. Nesse contexto, a história do INTRA CARIRI e sua atual situação de aparente enfraquecimento representam um desafio a ser enfrentado.

Para que a trajetória histórica da comunidade surda no sul do Ceará seja preservada, é fundamental fortalecer a instituição. Uma estratégia possível seria a implementação de ações de extensão universitária, oferecendo formações em Libras para pessoas surdas e ouvintes nas dependências do INTRA CARIRI. Tal iniciativa

beneficiária não apenas a instituição, como também os graduandos em Letras-Libras, ao proporcionar experiências práticas de ensino e interação, e a comunidade externa à universidade, ampliando a disseminação da língua e da cultura surda.

A quinta e última lógica apresenta como desafio a produtividade capitalista, que valoriza apenas aquilo que é diretamente lucrativo ou mensurável economicamente, desconsiderando formas de expressão ou saberes que não se enquadram nesses parâmetros. Nessa perspectiva, pessoas surdas frequentemente são excluídas ou pressionadas a se adaptar a padrões que não contemplam sua inclusão. Uma estratégia para sobrepujar essa lógica é reconhecer e valorizar os impactos sociais, culturais e educativos que podem ser promovidos a partir da visualidade.

Podemos imaginar, por exemplo, a transformação proporcionada por informações visuais disponíveis em ambientes coletivos: em um aeroporto, facilitaria a autonomia na locomoção e na orientação espacial sem necessidade de auxílio; em restaurantes, permitiria que o pedido fosse realizado sem depender de sinais sonoros em painéis eletrônicos. Ainda, considerar a legendagem integral das produções cinematográficas nacionais garantiria acesso a todos os indivíduos surdos, inclusive aqueles que não são sinalizantes. No campo educacional, a utilização da Libras em ambientes escolares bilíngues, desde a Educação Infantil, proporcionaria um ensino inclusivo e mais equitativo. Tais reflexões apontam para a necessidade de políticas, práticas e espaços que reconheçam e valorizem os efeitos sociais e pedagógicos da visualidade, superando a lógica de produtividade restrita.

A produção de literatura surda, em suas diversas manifestações, como poesia, pintura, teatro, slam, entre outras, representa não apenas um meio de divulgação da Libras e da cultura surda, como também aponta para um instrumento de ressignificação da pessoa surda enquanto sujeito ativo na criação cultural, e não apenas consumidor. Nesse sentido, a formulação de políticas públicas voltadas ao incentivo do viés cultural surdo transcende a lógica centrada exclusivamente em emprego, lucro e/ou capital, valorizando pessoas surdas que podem atuar como artistas e agentes de promoção cultural, expandindo o alcance de sua produção além da própria comunidade surda. Conforme ressalta Guimarães (2019), essa perspectiva evidencia a importância de reconhecer e fortalecer o protagonismo cultural surdo:

O artista surdo por meio de narrativas, poemas, performances, teatros e outros, produzir sobre suas experiências de vida, seu jeito visual de compreender e entender o mundo e suas possibilidades de comunicação. [...] As manifestações artísticas carregam expressões e interações que valorizam a Libras, própria da cultura surda, como também valorizam as culturas regionais de cada estado brasileiro (Guimarães, 2019, p. 27).

Superar essas cinco lógicas monoculturais é um processo contínuo e implica questionar os sistemas de opressão que mantêm o *status quo*. Essas ações exigem parcerias entre a comunidade surda, aliados ouvintes, governos, instituições educacionais e a sociedade como um todo. Essa multiplicidade de práticas sociais sugeridas para confrontar as lógicas da não existência busca legitimar e tornar visíveis os saberes surdos. Nesse sentido, é possível aventar a construção de uma verdadeira ecologia de saberes surdos, na qual diferentes formas de conhecimento produzidas pela comunidade surda sejam reconhecidas, valorizadas e articuladas de maneira complementar, contribuindo para a ampliação da diversidade epistêmica e cultural.

A ideia de multiplicidade e de relações não destrutivas entre os agentes que compõem a sociologia das ausências é dada pelo conceito de ecologia: ecologia de saberes, ecologia de temporalidades, ecologia de reconhecimentos, ecologia de escalas e ecologia de produtividades. Comum a todas estas ecologias é a ideia de que a realidade não pode ser reduzida ao que existe segundo a forma dominante de existir (Santos, 2020, p. 66-67).

A ecologia de saberes surdos emerge diretamente da cultura surda, que, por sua vez, se origina na Língua Brasileira de Sinais (Libras), uma língua visual-espacial de comunicação estritamente visual. Sua produção não se baseia em sons, mas isso não diminui sua complexidade ou legitimidade. Os saberes surdos constituem manifestações autênticas, distintas principalmente pelo atravessamento de uma língua de sinais e de uma cultura própria que dela decorre.

Superar as lógicas de não existência, portanto, exige ações concretas que legitimem essas epistemologias alternativas, permitindo que ocupem seu lugar legítimo na sociedade e promovam igualdade, diversidade e justiça epistêmica. Nesse contexto, torna-se relevante refletir sobre como os conceitos de ecologia de saberes e a

sociologia das ausências podem ser articulados à formação de professores de Libras, oferecendo ferramentas teóricas e práticas para a valorização da cultura surda, o reconhecimento de saberes historicamente marginalizados e a promoção de uma prática docente crítica, consciente e transformadora.

Passemos, então, a explorar as possibilidades para o campo da formação de professores de Libras, no que diz respeito às implicações práticas desenvolvidas com docentes em formação, à luz de uma pesquisa em andamento que, sob a perspectiva das Epistemologias do Sul, busca articular reflexividade, empiria e enfrentamento das monoculturas do saber.

CONTRIBUIÇÕES DA ECOLOGIA DE SABERES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LIBRAS

Refletindo sobre como os conceitos de sociologia das ausências e de ecologia de saberes podem contribuir para a formação de professores de Libras críticos e conscientes de sua responsabilidade social, vislumbramos alguns cenários possíveis, tais como:

- Valorização de saberes surdos marginalizados: reconhecer a Libras e a cultura surda como manifestações legítimas dentro de uma ecologia de saberes, em consonância com as Epistemologias do Sul, promovendo o diálogo entre diferentes formas de conhecimento e contribuindo para a superação de injustiças linguísticas e culturais.
- Desaprendizado de perspectivas hegemônicas: embora desafiador, o desaprendizado pode se constituir como uma oportunidade privilegiada para a elaboração de novos saberes. Conforme Fabrício (2006, p. 62), “[...] apostar na fluidez e nos entre-espacos como um espaço privilegiado de construção de conhecimento sobre a vida contemporânea é, assim, um grande desafio”.
- A construção de diálogos epistêmicos: desenvolvimento de estratégias de ensino de Libras que partam da desaprendizagem de práticas hegemônicas na educação, reconhecendo as especificidades das culturas surdas como parte integral da pluralidade de saberes.

- As práticas críticas e transformadoras: reconhecimento dos direitos linguísticos da comunidade surda com os princípios das Epistemologias do Sul, promovendo aulas que combinem respeito, igualdade e transformação social.
- A educação bilíngue e episteme surda: explorar modelos educacionais bilíngues que não apenas respeitem a Libras, mas que também fomentem a criação de espaços em que diferentes saberes sejam compartilhados, reconhecendo o valor epistemológico de culturas historicamente marginalizadas.

Os professores passam a reconhecer que a marginalização da Libras e da cultura surda resulta de estruturas históricas de poder e que tais ausências não são inevitáveis. Esse reconhecimento os motiva a atuar como agentes de transformação, promovendo o protagonismo da comunidade surda em suas práticas pedagógicas. Eles compreendem que os saberes surdos, fundamentados em experiências visuais e linguísticas, devem ser tratados em pé de igualdade com os conhecimentos científicos e pedagógicos, promovendo o respeito à cultura surda e incentivando práticas inclusivas e colaborativas. Como defendem Carneiro *et al.* (2023, p. 69), “O futuro professor de libras precisa estar sensível ao seu papel social de, no exercício de sua profissão, promover a língua de sinais e a cultura surda.”

A ecologia de saberes surdos pode inspirar os professores a integrar a Libras e o português, criando um ambiente educacional bilíngue e intercultural, em que ambas as línguas sejam valorizadas. Ao se apropriar desses conceitos, os docentes passam a compreender sua prática como um ato político de justiça social e cognitiva, promovendo o reconhecimento da Libras não apenas como uma língua, mas como uma forma legítima de existir e resistir. Essa perspectiva torna o professor de Libras um facilitador da inclusão, um defensor da diversidade e um ator comprometido com a transformação social.

Nesse sentido, algumas reflexões e práticas vêm sendo implementadas no âmbito de uma pesquisa que tem sido desenvolvida junto aos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência do Curso de Licenciatura em Letras-Libras na UFCA (PIBID Letras-Libras/UFCA).

Nesta referida pesquisa, os discentes são instigados a refletirem e a romperem com as monoculturas, na intenção da promoção de uma ecologia de saberes surdos,

configurando-se, assim, como um enfrentamento às monoculturas do pensamento moderno, conforme problematizadas pelas Epistemologias do Sul. Ao articular empiria e reflexão crítica por parte dos pibidianos, para além da descrição de práticas pedagógicas, os sujeitos da pesquisa foram encorajados a analisar seus próprios discursos, escolhas didáticas e pressupostos formativos, em um movimento de empirismo reflexivo ancorado nas experiências concretas com a comunidade surda.

Ao reconhecer a Libras como ferramenta epistemológica e ao incorporar epistemologias surdas aos processos educativos investigados, a pesquisa rompeu com a monocultura do saber e com a hierarquização que privilegia conhecimentos científico-hegemônicos e orais-auditivos. Ademais, ao problematizar concepções de “atraso” e “deficiência” a partir da observação, da vivência pedagógica, a investigação confrontou a monocultura do tempo linear, reafirmando a surdez como diferença linguística e cultural e legitimando outras temporalidades de aprendizagem e produção de conhecimento.

As práticas de autorreflexão dos pibidianos sobre seus próprios posicionamentos tensionou a lógica da naturalização das diferenças, deslocando perspectivas assistencialistas para uma atenção epistemológica. Em contraposição à lógica da escala dominante num enfrentamento à lógica produtivista, estamos promovendo a disseminação da literatura surda com apresentações teatrais e também com a composição e tradução de músicas em Libras nas escolas nas quais os pibidianos atuam, reconhecendo assim a língua de sinais como produtora de arte e de cultura na Educação Básica, afirmando essas produções como formas legítimas de conhecimento e de transformação social, não reduzíveis a critérios de eficiência ou rentabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sublinhamos neste manuscrito que a Libras e a cultura surda oferecem formas alternativas e transformadoras de conhecer e viver no mundo, alinhando-se ao conceito da sociologia das ausências ao desafiar estruturas de invisibilidade e exclusão das pessoas surdas. Incorporar essa perspectiva ao ensino e à aprendizagem, bem como à formação de professores de Libras, exige inicialmente confrontar as cinco

lógicas da não existência, posicionando os saberes e as práticas da comunidade surda como alternativas válidas, legítimas e transformadoras.

Ao promover um diálogo equitativo entre diferentes formas de conhecimento, em que saberes surdos e saberes dominantes se encontram sem hierarquias, torna-se possível o reconhecimento de uma ecologia de saberes surdos. Essa abordagem contribui para o fortalecimento das epistemologias surdas, apoiando a diversidade cultural e promovendo uma sociedade inclusiva em que diferentes saberes coexistem, se complementam e se potencializam mutuamente.

Trazer a ecologia de saberes surdos para a formação de professores de Libras implica repensar e ressignificar as práticas de ensino de língua e epistemológicas. Trata-se de transformar as bases de um ensino tradicional e normativo em uma abordagem que incorpore a diversidade cultural e epistemológica como condição fundamental para uma educação inclusiva, emancipatória e sustentável para todos os cidadãos.

Nesse contexto, a epistemologia surda assume papel central ao legitimar a maneira pela qual a pessoa surda significa o mundo e produz conhecimento. Os saberes surdos, alicerçados na cultura surda e advindos da língua de sinais, encontram-se disponíveis e clamam por novas posições, oferecendo caminhos inovadores para a construção de práticas pedagógicas conscientes e socialmente engajadas.

Ao longo desta discussão, observamos como a hegemonia de determinados paradigmas históricos e educacionais contribuiu para a invisibilização da Libras e da cultura surda. A análise das “cinco lógicas da não existência”, proposta por Boaventura de Sousa Santos, evidencia as estruturas de exclusão que marginalizam a comunidade surda, reforçando a necessidade de superação desses mecanismos por meio do diálogo entre saberes. A incorporação das Epistemologias do Sul, conforme defendidas pela ecologia de saberes, na formação de professores, possibilita não apenas a desconstrução de práticas hegemônicas, como também proporciona a valorização e o respeito à diversidade cultural e linguística.

Ao alinharmos-nos às epistemologias críticas da sociologia das ausências e da ecologia de saberes, torna-se viável fortalecer o olhar crítico e promover a articulação

entre diferentes perspectivas epistemológicas. Ademais, as contribuições da Linguística Aplicada oferecem uma base teórica sólida para a formação de professores de Libras, como evidenciado ao longo deste trabalho.

Ao analisar práticas pedagógicas sob uma ótica interdisciplinar e crítica, no campo da LA, os futuros professores podem compreender melhor as dinâmicas sociais, culturais e políticas que envolvem o ensino de uma língua de minoria, como a Libras, desenvolvendo metodologias mais eficazes e adaptadas às necessidades específicas da comunidade surda. Essa perspectiva amplia o repertório pedagógico e capacita os professores a lidarem com desafios práticos de maneira inovadora e sensível. Com isso, esperamos que os professores formados não apenas ensinem, mas que também inspirem e transformem suas comunidades, contribuindo para uma sociedade mais equitativa e diversificada, compreendendo e sendo agentes de propagação da ecologia de saberes surdos.

REFERÊNCIAS

BATISTA, J. P.; STUMPF, M. R. A importância da disciplina Linguística Aplicada na formação inicial de professores de Libras. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 18, n. 39, p. 405-417, 2024. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9801583>. Acesso em: 28 jan. 2025.

BRASIL. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Secretaria de Educação Especial, 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2005.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 ago. 2021.

CAPOVILLA, F. C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilingüismo. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 6, n. 1, p. 99-116, 2000. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382000000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 jan. 2025.

CARNEIRO, B. G.; LUDWIG, C. R. Por outra epistemologia na educação de surdos. **REVELLI-Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, v. 10, n. 4, p. 101-117, 2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/6215>. Acesso em: 28 jan. 2026.

CARNEIRO, B. G.; CRUZ, C. P. Epistemologias surdas na formação de professores de libras. In: SOUZA, Neila Nunes et al. **Docência e formação**: desafios em tempos de pandemia. Palmas: Eduft. 2023. Capítulo 3. p. 56-71.

DE SOUSA SANTOS, B. **Na Oficina do Sociólogo Artesão**. Leya, 2020.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. "Todas sabemos": Boaventura Sousa Santos entre os acusados de assédio no CES/Universidade de Coimbra. **Diário de Notícias**, 11 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.dn.pt/sociedade/todas-sabemos-boaventura-sousa-santos-entre-os-acusados-de-assedio-no-cesuniversidade-de-coimbra--16160057.html/>. Acesso em: 17 jan. 2025.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de "desaprendizagem": redescrições em curso. In: **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 45-65.

GUIMARÃES, P. C. F. **Poesia surda**: contextos artísticos do slam na comunidade surda. 2019. 32 f. TCC (Graduação) - Curso de Libras, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2019.

IFA, S. Ensino e formação de professores de línguas adicionais em tempos neoliberais: que internacionalização queremos? In: MACIEL, R. F. et al. (org.). **Diálogos e desafios na pesquisa em linguística aplicada** [material eletrônico]. Tutóia, MA: Editora Diálogos, 2024. p. 73-93.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). PNS 2019: país tem 17,3 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência. **Agência de Notícias IBGE**, 20 abr. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/31445-pns-2019-pais-tem-17-3-milhoes-de-pessoas-com-algum-tipo-de-deficiencia>. Acesso em: 16 jan. 2025.

INTRACARIRI. **Histórico**. Disponível em: <https://intracariri.com.br/historico/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 85-108.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS). **Periódicos CAPES**. Disponível em: <https://bibliotecas.ufms.br/acervos/periodicos-capes/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

PENNYCOOK, A.; MAKONI, S. **Innovations and challenges in applied linguistics from the global south** Londres: Routledge, 2019.

PERLIN, G. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2003.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. O primeiro curso de graduação em letras língua brasileira de sinais: educação a distância. **ETD Educação Temática Digital**, v. 10, n. 2, p. 169-185, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/984/0>. Acesso em: 28 jan. 2026.

ROMÁRIO, L. **Pedagogia surda**: cultura, diferença e construção de identidades. Editora CRV, 2023.

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Medição, 1998.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI. **Projeto Pedagógico do Curso de Letras Libras – Bacharelado**. Juazeiro do Norte: UFCA, 2023. Disponível em: <https://libras.ufca.edu.br/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.